

VERDADEIRO MÉTODO DE ESTUDAR: RESSONÂNCIAS ILUMINISTAS NO PENSAMENTO PORTUGUÊS

JULIO CESAR DA COSTA SILVA*

Resumo

Entre os finais dos séculos XVII e XVIII, a Europa se viu marcada por um processo de intensa racionalização do homem, suas relações com a natureza, com os aspectos metafísicos, bem como no campo das relações humanas e no ensino como um todo. Este processo não atingiu toda a Europa da mesma maneira, trazendo assim reflexões diferentes em regiões com características culturais distintas. Este trabalho se propõe a analisar as propostas de reforma educacional apresentada pelo padre oratoriano Luís Antônio Verney e, a partir disso, buscar compreender de que forma o mundo português se insere na perspectiva iluminista, considerando a obra em questão basilar à esta discussão. Busca-se, portanto, apresentar reflexões sobre a obra de Verney, especialmente, o primeiro tomo, discutindo sua conexão com a temática iluminista em âmbito internacional, assim como sua repercussão em Portugal dos Setecentos.

PALAVRAS-CHAVE: Iluminismo; Luís Antônio Verney; História de Portugal.

INTRODUÇÃO

A modernidade europeia foi marcada, sobretudo, por um movimento de completa reformulação nas percepções entre homem e mundo, que ficou conhecida sobre a alcunha de Iluminismo. Entre 1680 e 1780, a ciência natural, ampliava seus limites a novas alçadas, aperfeiçoando com isso a noção de mundo que se tinha à época. Não só nas ciências, mas também no campo filosófico, artístico, a assimilação de novas teorias acerca da Terra em relação aos demais planetas e, principalmente alterações nas relações entre Estado e súditos, demonstrando a tentativa de uma maior racionalização das relações humanas (CHAUNU, 1985: 19).

Considerando tal cenário internacional, elegeu-se como objeto da presente análise a obra escrita pelo intelectual português Luís Antônio Verney, intitulada *Verdadeiro Método de Estudar*, publicada em 1746, composta por dois tomos. Interessa compreender de que forma o mundo português se insere na perspectiva iluminista, considerando a obra em questão basilar

* O autor é graduando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, membro do Laboratório de Poder, Cotidiano e Linguagens (LPCL) e Bolsista de iniciação científica (PIBIC) com o subprojeto intitulado *O Verdadeiro Método Lusitano: discussões sobre o iluminismo português na obra de Verney* sob orientação da Professora Dra. Patrícia M. S. Merlo.

à esta discussão. Busca-se, portanto, apresentar reflexões sobre a obra de Verney, especialmente o primeiro tomo, discutindo sua conexão com a temática iluminista em âmbito internacional, assim como sua repercussão em Portugal dos Setecentos.

Sem dúvida, do iluminismo europeu muito se pode descrever sobre as características e especificidades regionais. Entretanto, de maneira geral, podemos destacar dois aspectos que possibilitarão uma compreensão mais clara do que propomos como objeto de análise. O primeiro é entendermos que este processo não demonstra, por si só, o início dos questionamentos que se consolidam no período, mas sim recapitulações e sínteses de outras problemáticas dispostas na Idade Média, Renascimento e até mesmo na Época Clássica (TODOROV, 2008:13) O segundo, e que irá se tornar algo essencial nesta análise, é esclarecer que o movimento Ilustrado não se trata de algo homogêneo, e sim de um processo que assumiu roupagens diferentes em cada região europeia.¹

Aliás, Europa esta que viu não só o destacamento da razão como essência da natureza humana (sendo esta dádiva divina ou não), mas notou também o crescimento de uma série de debates presentes no campo científico, bem como uma ampliação na densidade demográfica continental. Conforme a necessidade, inclusive alimentícia, foi-se tornando necessária a ocupação de novas terras no Leste Europeu (CHAUNU, 1985: 47).

Entretanto, essa expansão demográfica convivia paralelamente com um movimento curioso de época, o surgimento ou consolidação de uma comunidade europeia que se mostrava mais conectada pela troca de trabalhos e pesquisas, fato que, de certa forma, suplantava os limites geográficos impostos pelas Nações. O momento europeu tratava-se de um esforço para explicar cientificamente o homem e sua interação com seus semelhantes e a natureza.

Por aproximação, havia em proposta uma maior separação entre religião e sociedade. Há de se notar que isso não necessariamente significava a extinção de preceitos religiosos. Isso pode ser amparado quando se analisam intelectuais como Kant, Herder e até mesmo o que será analisado aqui, Verney. Sustentavam de certa forma, seus trabalhos em preceitos sobre a Providência, ou razão como força da alma, advindas de Deus. Seu diferencial foi, entretanto,

¹ Aqui, caberiam diversos autores que tornariam essa discussão mais diversificada. Como exemplos desta discussão: cf. TODOROV(2008), Pierre CHAUNU(1985), Johan HERDER(1950)

notar que havia uma gritante necessidade da racionalização da vida, uma modernização filosófica como um todo. Como define Todorov:

A religião sai do Estado sem, no entanto, abandonar o indivíduo. A grande corrente das Luzes não pleiteia o ateísmo, mas a religião natural, o deísmo, ou uma de suas numerosas variantes. A observação e a descrição das crenças do mundo inteiro, às quais se consagram os homens das Luzes, não têm por objetivo recusar as religiões, mas conduzir uma atitude de tolerância e à defesa da liberdade de consciência.

(TODOROV, 2008: 16)

ILUMINISMO E PORTUGAL

Nessas reflexões sobre o Século das Luzes, é curioso notar a presença de Portugal nesse movimento. Em um cenário de busca pelo afastamento entre religião e poder secular, na tentativa de minar a influência na sociedade e nos meios de ensino teoricamente, transportando-os das mãos da Igreja para instituições laicas, o movimento lusitano de continuísmo dessa proteção institucional é notório. Enquanto a Europa chamada de Ilustrada (principalmente França, Inglaterra, Holanda e outros) se mostrava negativa em relação às suas raízes medievais, buscando sempre que possível racionalizar e laicizar o mundo, havia na região Ibérica tinha uma influência medieval-religiosa explícita, revelada no ensino, ministrado ainda por ordens religiosas. (DOMINGUES, 1997:195)

Assim, não seria absurdo afirmar que, nesse período de extremas modificações os portugueses teriam ficado à vanguarda desse movimento. E essa relação especial lusitana perpassa, obrigatoriamente, pelo ensino e preparo do aluno das próximas gerações, advinda de séculos anteriores aos da Ilustração. Aliás, ligação que não se mantém estritamente no âmbito da instrução educacional. Foram, acima de tudo, importantes na consolidação do Reino de Portugal e do regime absolutista. Seu estímulo a obediência e a impecabilidade do poder real²

² O poder vem como uma espécie de dádiva divina, e portanto, é institucionalmente legal. Os desdobramentos e atitudes dos monarcas podem, por se tratarem de homens comuns e pecadores, não seguirem essa mesma impecabilidade. Em suma, legitimam o poder como divino, independente do que o monarca realize.

auxiliavam a autoridade régia, que mostrava sua gratidão, além de apoio financeiro, com o monopólio do ensino no Império lusitano.

Sobre essa relação, em termos gerais, Oliveira Martins diz:

No XVI século a Companhia influi em Portugal e consegue transformá-lo: foi o que já historiamos na educação, no teatro, etc. Nos séculos XVII e XVIII, consumada a transformação, Portugal é a causa da Companhia; e só no estudo da ação da doutrina sobre os seus sectários podemos encontrar os traços genuínos do novo aspecto da existência moral portuguesa. (MARTINS, 1972: 395)

Entretanto, notou-se que posteriormente receberam a carga de serem os responsáveis pelo o atraso intelectual português, chegando ao ponto de fazer com que os outros reinos olhassem Portugal de forma debochada durante a modernidade (BOXER, 2002: 379), apesar de o jesuitismo pregar que seria da natureza do homem à atividade e o saber (mesmo que fossem coisas de foro íntimo), o que seria ideal na propagação do movimento ilustrado.

LUÍS ANTÔNIO VERNEY: UM ILUMINISTA PORTUGUÊS

E foi dos próprios Jesuítas que surgiu um intelectual que questionou o método de ensino em vigor na época, ministrado por tal ordem religiosa. Luís Antônio Verney. Filho de pai francês e de mãe portuguesa, Verney nasceu em Lisboa no dia 23 de Julho de 1713 e foi instruído nas primeiras letras e latim pela Companhia no Colégio de Santo Antão. Estudou posteriormente Filosofia, Gramática Latina e “estudos inferiores” (ANDRADE, 1980: 14). Formou-se em Teologia em Évora, e de lá, aos 23 anos, se instalou em Roma, de onde passou a tentar obter a benesse eclesiástica que ajudasse a cobrir as despesas de sobrevivência de um homem de estudo.

Após 10 anos de estudos em Roma, e influenciado por diversos autores ilustrados, é lançado o principal trabalho de sua carreira, o “Verdadeiro Método de Estudar”, sua obra mais polêmica e mais notória. O autor procura situar a cultura portuguesa frente aos progressos do pensamento europeu, sugerindo “um novo método de estudos que podem servir a todos, ao estilo de Portugal, tudo o que são aplicados em outros reinos” (VERNEY, 1746:8).

Foi publicada em 1746 em Valença (Portugal). Consiste em uma compilação de diversas cartas escritas por Verney³, totalizando 16 capítulos, cada um simbolizando uma carta. São separadas em dois tomos da seguinte forma: no primeiro tomo, são encontradas as cartas sobre Língua Portuguesa, Gramática Latina, Latinidade, Grego e Hebraico, Retórica (dois capítulos), Poesia e Lógica. No segundo tomo, temos as cartas sobre Metafísica, Física, Ética, Medicina, Direito Civil, Teologia, Direito Canônico e ao fim um apanhado sobre regulamentação geral dos estudos.

Cabe entretanto, ressaltar que:

O Verdadeiro Método de Estudar não é um manual ou um tratado sobre o conhecimento, com organização e desenvolvimento sistemático. Trata-se, antes, de um conjunto de ensaios livres, cujos princípios e conceitos são expostos sumariamente ou permanecem implícitos ao longo da argumentação. Não apresenta propriamente um conteúdo enciclopédico, mas sim um compêndio crítico do ensino português da época, através do qual se esboçam noções de todas as áreas da cultura acadêmica. (TEIXEIRA, 1997 : 119).

A primeira edição esgotou-se rapidamente e, com o aval de D. João V, foram impressos mais exemplares. Porém, é apenas na regência de D. José I que o Reino adota medidas reformatórias de fato, com o Marques de Pombal. Entretanto, não podemos deixar de dizer que muitos desses métodos propostos pelo “Barbadinho”, foram adotados sem que fossem dados a ele o devido crédito.

Sobre os escritos, é importante destacar que Verney não propunha de maneira alguma a deposição dos Jesuítas do ensino (ordem à qual, como já foi dito, o mesmo fazia parte). Dedicou seu trabalho como uma espécie de “guia” para os novos Padres (os quais chama de Mestres do ensino) pudessem se adequar ao seu tempo (VERNEY, 1746: VIII)⁴.

³ O Verdadeiro Método de estudar só teve sua autoria revelada algum tempo depois. Verney admitiu que este trabalho foi de fato escrito e compilado por ele apenas em seu leito de morte

⁴ Sobre a numeração, é necessário fazer uma ressalva. O arquivo utilizado como fonte foi digitalizado pela Universidade de Coimbra, e está disponível no acervo eletrônico abertamente. Entretanto, as primeiras páginas do documento, que seriam aquelas de introdução do material à seguir estão sem numeração. Ficou convencionado para estes estudos que estas páginas serão numeradas em números romanos, e as que tiverem com numeração escritas, em números cardinais.

O tempo que passou em Roma (praticamente toda sua vida) deu a ele um contato com toda uma nova gama de intelectuais (italianos a princípio) que possibilitou Verney à pensar e estudar outros sábios de seu tempo. Tratando sobre suas raízes, temos inicialmente a de Ludovico Muratori, sofista e ilustrado italiano que foi seu Mestre em Roma. O ponto de confluência entre esses dois é principalmente na questão reformadora, já que o Italiano demonstra a preocupação com a renovação na Igreja, enquanto Verney adotou essa postura para si, mas fez propostas para a modificação do sistema de ensino disposto pela Igreja.

É interessante destacar ainda que, ao longo da sua obra, o “Barbadinho” demonstra em diversos momentos seu respeito e apreço pelos italianos, muito provavelmente instaurado pelo tempo em que viveu em território romano. Apenas para ilustrar, no capítulo sobre poesia (VERNEY, 1746:176-226) exalta as habilidades artísticas dos italianos, dizendo que Portugal deveria se inspirar na Itália, principalmente na sinceridade com o qual trabalham com o corpo e mente.

A postura geral de Verney, em especial pela na parte de filosofia, baseia-se no experimentalismo de John Locke (que por sua vez, tinha alguma inspiração em Newton), algo que é mostrado diversas vezes ao longo de sua Obra. O português enaltece a importância da experiência dos mestres no ensino, não só para a boa leitura, mas para a seleção de conteúdos a serem ministrados. Como o próprio cita:

Ora, tudo isto [falta de zelo com a gramática lusa] é entender mal as coisas, é falta de educação, falta de bons livros e é expor-se ao riso dos homens de juízo. Isto posto, deve se acautelar o mestre, quando instrui os rapazes, deve informar-se das coisas, ensinar-lhe como se devem regular: e finalmente dizer-lhe em poucas palavras aquilo que, por falta de livros somente se pode saber com uma longa experiência. (VERNEY, 1746:10)

Ainda sobre o método de ensino, o português demonstra em vários momentos noções como “verdades da alma” (VERNEY, 1746:130), atribuiu a necessidade de se destrinchar o ensino até o ponto que se tornem “verdades claras” a todos (VERNEY, 1746:139) ou até mesmo demonstra que a alma se encanta pelas mesmas “verdades claras” ao ponto de adotá-la, indiscutivelmente (VERNEY, 1746:253). Essa busca incessante por noções mais simples que

chegam ao ponto de se tornarem cada vez mais comuns a todos aponta para uma possível influência do lusitano pelo filósofo francês Claude Buffier.

VERDADEIRO MÉTODO DE ESTUDAR: RESSONÂNCIAS ILUMINISTAS NO PENSAMENTO PORTUGUÊS

Tratando diretamente sobre o “Verdadeiro Método de Estudar”, pode-se dizer que seu principal mérito não é o conteúdo denso, tampouco proposições elaboradas para o ensino no Reino, mas sim a demonstração da necessidade de crítica ao método vigente sendo assim vital a introdução de uma nova mecânica de ensino para o momento que o mundo vivia.

A crítica de Verney começa à própria língua falada em Portugal. Afirmou que ela era essencial para qualquer estudo posterior, e por isso deveria constituir uma base clara (VERNEY, 1746:10-11). Indo além, ressalta a necessidade de valorizar a sua própria língua, tratando-a bem, lendo bons autores e acima de tudo, não utilizando termos estrangeiros, quando existissem equivalentes em sua língua nativa (VERNEY, 1746:32).

Esse parecer sobre o ensino correto da língua trata-se de um dos principais alicerces da proposta pedagógica do lusitano. Para se obter êxito no ensino, a língua nativa deve sempre possuir lugar de início e destaque em qualquer estudo. Reforça essa ideia em diversos momentos de seu discurso, também quando trata do ensino de línguas estrangeiras, que, segundo ele, “se deve explicar na língua que um homem sabe” (VERNEY, 1746; p. 48).

E Verney propõe isso quando se volta para analisar o contexto mundial. Nota que não mais é necessário saber apenas Latim, haja vista que no mundo em fervor científico o qual vivia, as línguas “vulgares” começariam a tomar espaço do Latim. A linguagem técnica passou a ser supranacional e auto explicativa e os termos, nomes e expressões, adotavam sentidos próprios, que poderiam ser descritos em qualquer língua materna (VERNEY, 1746: 99).

Indo além, destaca a importância do ensino de línguas estrangeiras e boa compreensão das mesmas, ressaltando que é necessário escrever as coisas em sua língua, a mais acessível, para que não se perca tempo com traduções dificultosas. Assim, o ensino de outras línguas é necessário para uma maior integração na comunidade acadêmica internacional, pois admite que os melhores livros possíveis de nações ilustradas, como França, Inglaterra e Holanda já estariam em “vulgar”

Outra razão para que ele elevasse a língua como indispensável no ensino era que esta seria a principal ferramenta que Portugal teria para demonstrar ao mundo o quão moderno seria (após a adoção do método proposto), como diz ao fim do primeiro capítulo de seu trabalho:

“(...) os nossos autores, que fazem texto, são os que escreveram em determinado século: e assim, tudo que é moderno entre nós é bárbaro. Pelo contrário, a língua portuguesa, como a pouco tempo começou a aperfeiçoar-se, não pode excluir, tudo o que é moderno.” (VERNEY, 1746: 46)

O uso da língua materna facilitaria não só a compreensão do discípulo, mas a mecânica do ensino em si. Propõe ao ensino da língua latina:

Devia o mestre ensinar ao discípulo, compor bem uma oração portuguesa breve, uma carta, um cumprimento, ou coisa semelhante. Para isto tem o estudante, toda a facilidade possível, porque o faz em uma língua que sabe ; e na qual o mestre pode claramente mostrar-lhe os erros. Quando o estudante soubesse fazer isso bem, então lhe aconselhariam a convertê-la em Latim, deixando toda a liberdade de composição. Emendando os erros de gramática, se os houvesse, emendaria os erros da língua: e lhe mostraria a diferença que há, entre as duas línguas (VERNEY, 1746:65)

Com esse novo método, as pessoas falariam melhor ambas as línguas, e evitariam cartas régias ou de importância semelhante, entre si mesmos ou outros países com erros gramáticos considerados por ele “grotescos”.

Outro ponto notável no trabalho de Verney seria disposto no capítulo de Latinidade, sobre a necessidade da história e geografia. Segundo ele, um bom estudo sobre ambos é necessário, pois, o ensino da geografia poderia possibilitar ao homem o conhecimento das cidades, regiões ou características de uma área e filtrar a verossimilhança da informação descrita. Seria um papel similar ao da história. Esta seria imprescindível para se evitar anacronismos em suas Análises. O ensino de História seria, portanto, um auxiliar dos outros estudos, que possibilitaria a conferência da veracidade dos fatos. (VERNEY, 1746: 71-74)

Uma das preocupações de todo o trabalho do “Barbadinho” é fazer do ensino, o mais claro e fluido possível, evitando com isso o excesso de eloquência. Preza sempre pela escrita, fala e

processo de ensino bem explícitos, claros e disciplinados. A crítica do autor assim, não só sobre o ensino, mas sobre Portugal, é que, de certa forma, o Reino deixou-se seduzir pelas figuras de linguagem, métricas absurdas, excessos de metáforas e perdeu o essencial para uma boa produção acadêmica: o conteúdo.

É possível ir ainda além e dizer que Verney criticava, de certa forma, a memória científica que Portugal havia guardado. A simplicidade e clareza propostas ao longo de todo seu trabalho seriam imediatamente opostas ao trabalho executado e enaltecido em solo lusitano como, por exemplo, por Camões e P.Vieira. As críticas a ambos demonstrava de certa forma, a proposta do lusitano de deixar o passado onde deveria, e pensar novas problemáticas, produzir novos mitos e heróis, produzir um novo conteúdo que se tornasse clássico e passível de exaltação nacional.⁵

Para isso, a Retórica seria, juntamente com a linguagem um dos componentes basilares propostos por Verney para o ensino em Portugal, definindo-a como a arte de persuadir as almas. Quando bem trabalhada, seria de suma importância para o comércio (VERNEY, 1746: 102). É apontado aqui uma preocupação, não com a situação financeira do Reino, mas com a situação comercial do mesmo.

O ensino da Retórica, da forma considerada por ele correta, possibilitaria uma maior fluidez na forma de se expressar de Portugal, poupando assim a necessidade de longos tratados ou escritos sobre determinado assunto. Novamente, sua preocupação é com a simplicidade do discurso, enquanto os portugalenses estavam presos a um esquema de métricas, adjetivações e afetações que tornavam seus trabalhos exaustivos, o sistema de ensino pouco atraente e extremamente dificultoso para o discípulo. (VERNEY, 1746: 127).

Aqui voltamos a um ponto amplamente debatido pelo teólogo e já citado aqui: Para ele, Portugal estaria refém de um modelo de ensino truncado, antiquado para a nova época, com um excesso de estética e eloquência desnecessária, já que o mundo científico não via espaço

⁵ As críticas a ambos são muitas e tornariam o trabalho maior do que ele se propõe. Elas estão descritas no capítulo sobre Poesia (VERNEY, 1746: 176-226). Há de se destacar que sua proposta não era de esquecer o passado. Ele enaltecia e reconhecia a grandeza da obra de ambos autores, assim como notava a importância do dicionário de Bluteau para Portugal, pois não havia nenhum à época. Assume apenas que existem novas problemáticas que não devem ser respondidas sempre sob as mesmas óticas, com a mesma estrutura e conceitos estéticos.

para todos esses floreios. Assim, seria indispensável a modernização do método, para eliminação desses “extras” que insistiam em permanecer na produção lusitana. E, mais importante que isso, em momento algum ele diz que a Companhia seria culpada dessa estagnação. Nas entrelinhas, diz apenas que houve uma acomodação geral que precisava, urgentemente, ser quebrada.

Outro ponto polêmico sobre sua proposta educacional é no tocante a “política pedagógica internacional”, apontando dois graves problemas em Portugal. O primeiro é que observa a resistência que os ibéricos tinham em absorver culturas alheias. Verney declara que é necessário fazer como França, Inglaterra e outros países mais ilustrados, que não veem problema algum em olhar para fora de seus territórios e absorver as melhores qualidades dos trabalhos das outras nações. É como se a Ibéria ignorasse os estrangeiros, algo que naquele período seria loucura (VERNEY, 1746: 232).

O segundo, e igualmente grave problema evidenciado pelo lusitano é citado a seguir:

Eles [os mestres] confundem, todos os autores modernos; e sem mais exame os acusam, dos mesmos erros: e com estranha dialética os condenam, de ignorância. Os que tem erudição esquisita, sabem que no mundo houve um Descartes: e alguns deles, mais raros que mosca branca, leu alguma coisa, dos Princípios, ou Meditações Metafísicas. E aqui é ela: sobe a cadeira, e vomita mais decisões, contra o pobre Descartes; do que ele não disse palavras. E sem examinar, se ele é seguido em tudo, entende que tudo o que Descartes disse, foi, e é seguido em tudo, entende que tudo que Descartes disse, foi, e é recebido, com a mesma veneração; e são todos obrigados a segui-lo. (VERNEY, 1746: 230).

Aliada com a crítica anterior, o teólogo via como grande problema a afetação com a qual os chamados intelectuais lusitanos analisavam as obras estrangeiras, e com isso deixavam de ler obras consagradas internacionalmente. Na nova proposta de ensino discorrida por ele, percebia a urgência na consolidação de um maior diálogo entre a península e o resto do continente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, concluímos que, mesmo que não faça proposições únicas ou revolucionárias, Verney se revela um objeto de estudo interessantíssimo, atuando como uma espécie de termômetro acerca do ensino português. Seu principal mérito não foi questionar a relevância da Companhia nesse processo, mas sim demonstrar como havia a imprescindibilidade de um cosmopolitismo de Portugal, gerada pelo novo momento filosófico vivido pelo mundo.

Sua nova proposta educacional era reformista e baseava-se na exaltação da língua portuguesa, percepção da utilidade da experiência como mecanismo essencial no processo de ensino-aprendizado, e com isso a produção de toda uma nova historiografia sobre os portugalenses.

Em linhas gerais, propunha o “Barbadinho” que se ensinassem uma maneira mais espontânea de compor discursos, em uma língua que fosse facilmente acessível aos portugueses e da qual tivessem amplo domínio, a qualidade dos trabalhos portugueses estariam fadados a uma maior qualificação, não apenas em solo português, mas também internacionalmente, já que seriam eliminados os excessos e manteriam o conteúdo com o destaque que de fato mereciam.

REFERÊNCIAS

FONTE

VERNEY, L. A. **Verdadeiro método de estudar**. Valença: Na Officina de Antonio Balle, 1746.

OBRAS DE APOIO

ANDRADE, António. A. B. **Verney e a projecção de sua obra**. Amadora: Biblioteca Breve, 1980.

BOXER, C. R. **O império marítimo português: 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAUNU, Pierre. **A civilização da Europa clássica**. Lisboa: Estampa, 1985.

CÔXITO, Amandio. Luís A. Vernei e Claude Buffier: Dois Filósofos do senso comum. **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 11, n. 27, out. 2005.

DOMINGUES, Beatriz Helena. O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano. **Revista da ANPOCS**. São Paulo, n.º 20, 195-216, novembro, 1997.

HERDER, J. G. **Filosofia de la história para la educacion de la humanidad**. Buenos Aires: Nova, 1950.

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. **História de Portugal**. 16. ed. - Lisboa: Guimaraes ed., 1972.

TEIXEIRA, Ivan. **Ressonâncias de John Locke na ilustração portuguesa**: Luís Antônio Verney e Francisco José Freire. *Revista USP*, São Paulo, v. 34, p. 108-124, junho/agosto – 1997.

TENGARRINHA, Jose. **Historia de Portugal**. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC; Sao Paulo: UNESP; Portugal: Instituto Camoes, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das luzes**. São Paulo: Barcarolla, 2008